

AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO AO CONCEITO DE CORPO BIOGRÁFICO

THE CONTRIBUTIONS OF THE STUDIES OF THE IMAGINARY TO THE CONCEPT OF BIOGRAPHICAL BODY



Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013

p. 343-356

Andrisa Kemel Zanella¹

(Universidade Federal de Pelotas)

Lúcia Maria Vaz Peres²

(Universidade Federal de Pelotas)

RESUMO: As contribuições dos estudos do Imaginário na problematização e no aprofundamento do conceito de Corpo Biográfico no contexto Educacional é o tema deste artigo, que tem como referência uma pesquisa de doutoramento desenvolvida ao longo de quatro anos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS, no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPiEM). O campo teórico está ancorado nos estudos do Imaginário e do Corpo Biográfico, tendo como autores-guia, Gilbert Durand e Gaston Bachelard, Danis Bois e Marie-Christine Josso, respectivamente. A empiria contou com a participação de quatro acadêmicas, que em seis encontros exercitaram a biografização corporal pela via do “conhecimento indireto” (DURAND, 1988) com a improvisação teatral. O processo de análise culminou na convergência dos achados da pesquisa em núcleos simbólicos para chegar aos “mitemas” (DURAND, 1996). Neste artigo trazemos a amostra de um dos mitemas encontrados: **Um Ser de carne que pensa, outro que age no Corpo-fracionado.** Através deste mitema em conjunção com os demais, vemos a contribuição dos estudos do Imaginário ao conceito de Corpo Biográfico, uma vez que ficou evidenciado que o corpo é uma escritura viva das experiências, como reservatórios do trajeto pessoal e antropológico, que foram significativas na vida do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: imaginário; corpo biográfico; formação

ABSTRACT: The contributions of the studies of the Imaginary to the problematization and the deepening of the concept of Biographical Body in an educational context comprised the theme of this paper. It was based on a 4-year doctoral research³ which was carried out in the Post-graduate Program in Education, more specifically in the Study and Research Group on the Imaginary,

¹ Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas com período sanduíche na Universidade Fernando Pessoa, Porto/Portugal.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999) e Pós-doutora pelo Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho/ Braga/ Portugal, na área da Educação e Imaginário.

Education and Memory (*GEPIEM*), at the *Universidade Federal de Pelotas*, located in Pelotas, RS, Brazil. Its theoretical field was based on the studies of the Imaginary carried out by Gilbert Durand and Gaston Bachelard, as well as on studies of the Biographical Body conducted by Danis Bois and Marie-Christine Josso. The empirical data was collected in six meetings with four College students who exercised body biographization through “indirect knowledge” (DURAND, 1988) with improvisational theater. The analysis process resulted in symbolic cores which ended up yielding “mythemes” (DURAND, 1996). This paper has described one of the mythemes, i. e., **A Being made of flesh that thinks and one that acts in the fractioned body**. All mythemes together showed the contribution of the studies of the Imaginary to the concept of Biographical Body, since there was evidence of the fact that the body is a live writing of experiences which are meaningful in a human being’s life, just like reservoirs of a personal and anthropological journey.

KEY WORDS: imaginary; biographical body; development.

Considerações Iniciais

Este artigo tem por objetivo mostrar as contribuições dos estudos do Imaginário na problematização e no aprofundamento do conceito de Corpo Biográfico no contexto Educacional. A fonte de referência para o que nos propomos é uma pesquisa⁴ desenvolvida ao longo de quatro anos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS, que resultou na Tese intitulada “Escrituras do Corpo Biográfico e suas contribuições para a Educação: um estudo a partir do Imaginário e da Memória”, cujo foco foi direcionado à interpretação do gesto como tradução do imaginário nas escrituras do Corpo Biográfico, a partir um estudo sobre as memórias do trajeto formativo inscritas no corpo de acadêmicas do Curso de Pedagogia

A pesquisa foi ancorada no pressuposto de que a memória do corpo está nos reservatórios do trajeto formativo de cada pessoa. A partir dos estudos do Imaginário, o que queremos dizer com isto é que o ser humano, no decurso de sua existência, vivencia uma infinidade de acontecimentos que poderão ficar registrados nos estratos mais profundos de si. A somatória de cada registro integra o que denominamos de reservatório do trajeto formativo do sujeito. Tal pressuposto foi construído com base na ideia de que a maneira como o corpo é vivenciado no decurso do trajeto formativo poderia influenciar o modo como o ser humano vai constituindo os aspectos relacionados ao pessoal e ao profissional. Interferindo, assim, nas suas escolhas e no modo de interação com o meio. Dessa maneira, atribuir um *status* ao corpo, como um saber silenciado a ser contemplado no processo formativo, possibilitaria outras maneiras de pensar e projetar a formação, a partir de um conhecimento imanente⁵ advindo da subjetividade corporal, contemplando as dimensões de um sujeito singular-plural⁶.

Cabe ressaltar que a abordagem do corpo neste contexto está associada à ideia de habitáculo (JOSSO, 2009a), que abarca a concepção de “suporte” onde ficam registradas as experiências humanas. Ao mesmo tempo, associa-se a ideia de protagonista das assimilações e acomodações de elementos conhecidos e não conhecidos, a partir de uma linguagem que não necessita prioritariamente da palavra, mas que fala a partir da

rigidez e fluidez dos gestos. Gestos que trazem vestígios das experiências que foram significativas no decorrer do trajeto formativo e que deixaram registros no corpo do indivíduo. Tais registros integram a biografia do corpo e constituem a referência do modo como o ser humano se expressa no mundo. A somatória de tudo isto compõe o que chamamos de memória do corpo.

Leloup (1998) considera o corpo como o lugar de nossa memória mais arcaica, onde nada é esquecido. Seja na primeira infância ou na vida adulta, cada acontecimento vivido deixa sua marca no corpo de maneira profunda. Grotowski (2010) também discute sobre a ideia de que o corpo é memória, tendo como premissa que o corpo-memória é determinante na maneira que o ser humano se relaciona com certas experiências ou ciclos de experiências no decorrer de sua vida.

Essa memória constitui-se na relação do ser humano (corpo) com o meio em que está inserido, perpassada por diferentes dimensões⁷, que dilatam a relação do ser humano com/no mundo a partir da ideia de que para estar vivo em diferentes níveis é necessária uma vinculação e relação consigo mesmo e o cosmos. São essas interações que ficam na memória do corpo, registradas no reservatório de cada pessoa, podendo ser resgatadas em algum momento, através de uma escuta do que emerge de si. Em outras palavras, os acontecimentos vividos pelo ser humano no decorrer de sua vida, e que de algum modo lhe tocaram instalam, segundo Bois (2008b), “*um estado particular*”, sendo armazenados em forma de memória em suas células e no seu universo cognitivo, afetivo e gestual. Essa memória é “*constituída por uma mistura de hábitos, de crenças e de saberes oriundos de tempos imemoriais, transmitidos a cada um por meio de condições específicas à sua inscrição sócio-histórica*” (LAPOINTE; RUGIRA, 2012, p. 53).

No entanto, para acessar essa dimensão do corpo e visibilizar o reservatório imaginário que impulsiona o ser humano a agir, é necessário um processo de retomada do que foi vivido de algum modo. Foi este processo de retomada e visibilização do que está inscrito no corpo, a partir de um trabalho focado na biografização corporal pela improvisação teatral⁸, que nos alicerçamos para tematizar e mostrar a contribuição do Imaginário ao conceito de Corpo Biográfico nesta escrita.

O Corpo Biográfico pelas lentes do Imaginário

O ser humano, nas interações com o meio, constrói um repertório de saberes e experiências definidores da maneira como ele vai se constituindo. Nesse processo, o imaginário tem um papel fundamental, sendo o grande denominador onde se encontram todas as criações do pensamento humano, ativando, assim, a partir de uma perspectiva simbólica, diferentes modos de compreensão do mundo.

O imaginário é como um lago existencial “*que dá significado para nossa existência individual ou grupal*”, segundo Machado da Silva (2004, p. 22). Sobretudo, ele é uma bacia semântica (DURAND, 2001), de onde derivam imagens, afetos, experiências e sensações. Nesse “lugar” fica acumulado tudo o que é significativo para nós e que nos impulsiona a agir cotidianamente.

Os estudos de Leroi-Gourhan (1965) apontam para a inscrição de uma história

individual e coletiva, na medida em que revela que o ser humano traz consigo uma história proveniente de seus ancestrais. No decorrer de sua vida, um diálogo é estabelecido em diversos níveis entre as tradições herdadas de sua etnia e o organismo social em que está imerso, abrindo a possibilidade de uma ampliação e atualização da história do indivíduo. É nesta confluência entre o herdado e o vivido, entre as funções inatas e as relações com o meio, que as escrituras vão sendo inscritas e somadas a este corpo, sendo visibilizadas nos gestos de cada pessoa. Essas articulações são construídas a partir de um processo de assimilação, acomodação e adaptação (PIAGET, 1975) que acontecem na relação sujeito *versus* meio e vice-versa. Esse é o momento em que há a apreensão e a ressignificação do mundo exterior para dentro de si (PERES, 2009).

Na conjuntura entre as intimações subjetivas e objetivas, entre os imperativos humanos a nível psíquico e fisiológico, imanentes da espécie zoológica e o que provém do meio social, cultural e histórico que o Homem evolui e o imaginário é produzido. O imaginário, para Durand (1996, p. 65) “*é o reservatório concreto da representação humana em geral, onde se vem inscrever o trajecto reversível que, do social ao biológico, e vice-versa, informa a consciência global, a consciência humana*”.

Pode-se dizer que o imaginário contempla as aptidões inatas e as heranças ancestrais ao meio social e cultural em que o sujeito está inserido. Portanto, ele é o **conector** que estrutura o entendimento humano; que, para Durand (2001), passa a ser um conector obrigatório pelo qual se forma qualquer representação humana⁹, que é tramada nas articulações simbólicas que advêm das intimações de toda a ordem do vivido, arraigado numa bio-história pessoal.

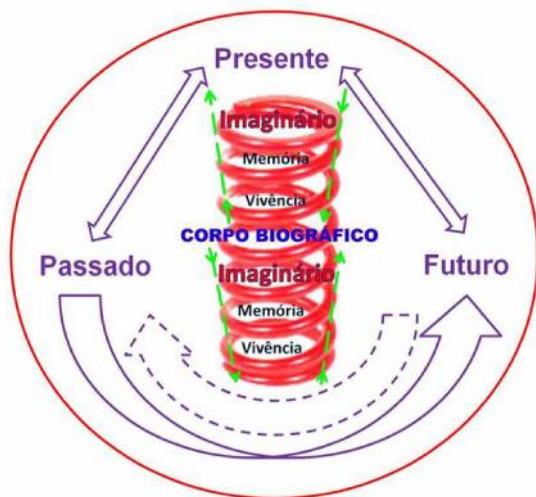
Assim, podemos pensar o corpo como a inscrição viva e concreta do trajeto formativo de cada pessoa. Nesse sentido, é importante falar que cada acadêmica, ao chegar ao Curso de Pedagogia, traz em seu corpo os registros de um vivido. Registros que compõem a dimensão biográfica do corpo e que são fundadores a nível físico, cognitivo, afetivo e psíquico do que elas se tornaram e vêm se tornando no decorrer de sua vida. Tudo isto integra o reservatório imaginário onde cada estudante busca suas referências para interagir no espaço em que está inserida.

Por mais que o corpo esteja presente, como bem evidenciou Josso (2010), em tudo o que elas fazem ao longo de sua vida, nem todas têm consciência do seu Corpo Biográfico, pois para acessá-lo e visibilizá-lo é necessário assumir uma postura de pesquisador de si, lançando-se a uma “garimpagem” minuciosa de seu patrimônio vivencial. Assim, eis a pesquisa, que enfocou o Corpo Biográfico das estudantes do Curso de Pedagogia da UFPel, a partir de um processo de evocação das memórias e re-(a)apresentação do vivido por meio da linguagem gestual. Este direcionamento envolveu as experiências marcantes na vida do indivíduo, abarcando traços bio-psico-cósmico-sociais, históricos e também culturais da história de cada um, por meio do exercício de biografização corporal pela improvisação teatral.

O conceito de Corpo Biográfico, inicialmente cunhado por Danis Bois (2008a, 2008b) e, posteriormente, estudado por Marie-Christine Josso (2008a, 2008b, 2009a, 2010) e outros pesquisadores, constitui-se na tecitura de três dimensões: **a vivência, a memória e o imaginário**, permeada por uma temporalidade, aqui nomeada como

motores (a)temporais no trajeto antropológico. Ou seja, a partir de uma vivência específica – neste caso, o exercício de biografização corporal pela improvisação teatral – há a evocação de memórias dos acontecimentos vividos, e conseqüentemente, a possibilidade de visibilização do imaginário. Nesta tecitura a ideia de motores (a)temporais é entendida como o movimento que o sujeito empreende ao garimpar seu reservatório imaginário com vistas à presentificação das memórias que foram significativas no decurso de seu trajeto de vida. Este movimento recorre às experiências do passado, atualizando a situação vivida no presente, projetando-se também em direção ao futuro.

Para uma melhor compreensão do conceito, vejamos o diagrama a seguir:



MOTORES (A) TEMPORAIS NO TRAJETO ANTROPOLÓGICO

Figura 1

A vivência, na teoria de Bois, pode ser compreendida como a dimensão fundamental para o desenvolvimento de um trabalho focado no Corpo Biográfico. No estudo de doutorado, ela caracterizou-se pelo exercício de biografização corporal, enfocando a linguagem gestual como primordial na narração de si. A partir do momento em que focamos na relação entre a vivência e o Corpo Biográfico ancorada na teoria em questão, fomos adentrando na dimensão fenomenológica (dimensão sensível). Nela, o corpo não é meramente objeto¹⁰, mas protagonista de reservatórios e memórias.

Desse modo, a vivência caracterizou-se pela postura de sujeito ator-espectador que cada estudante assumiu durante o momento de experientiação com o seu corpo, exigindo uma atenção voltada ao aqui-agora. Isto significou estar presente ao exercício corporal e a si mesmo o tempo todo. Caminho escolhido para tentar apreender suas

memórias. Para nós esta vivência foi a objetivação do registro do vivido (que assegura ao ser humano, não apenas a consciência da sua existência), representando a possibilidade de regressar e (re)criar os momentos que foram fundantes em uma vida.

A memória nesta pesquisa significou a possibilidade de reencontro com um tempo vivido, experimentando uma relação experiencial com o corpo. Rompeu-se com a lógica temporal, para dar lugar ao espaço de significação ao passado, bem como eufemizá-lo. Isso porque toda narrativa é uma (re)criação do que foi vivido, a partir do que Durand (2002) denominou de “*fantástica transcendental*”.

Neste sentido, a memória possibilita organizar, a partir de um fragmento, o conjunto que compõe o todo, impregnada pelas significações do momento. Para Durand (2002, p. 403),

a organização que faz com que uma parte se torne “dominante” em relação a um todo é bem a negação da capacidade de equivalência irreversível que é o tempo. A memória – como imagem – é essa magia vicariante pela qual um fragmento existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado (...) que motiva todas as nossas representações e aproveita todas as férias da temporalidade para fazer crescer em nós, com a ajuda das imagens das pequenas experiências mortas, a própria figura da nossa esperança essencial.

A memória é essa magia vicariante, à medida que possibilita ao ser humano, a partir de um processo (a)temporal, reencontrar-se com o que foi significativo em sua vida, em forma de imagens que remetem às experiências vividas. Imagens que atribuem um novo sentido ao tempo presente, renovando a esperança diante das adversidades de um tempo que a todo o momento relembra a esse ser, a sua finitude.

Cabe ressaltar que a memória também pode ser caracterizada como fluante (DELOY-MOMBERGER, 2010), pois ela é constituída tanto das lembranças quanto dos esquecimentos. Portanto, a formação de memórias concretiza-se via corpo, que assume o papel de refletor das experiências vividas. O corpo está presente em todas as circunstâncias da vida do ser humano. É através dele que sentimos cada sensação, emoção e que nos aventuramos em ações exploratórias e concretizamos o processo de aprendizagem.

Neste estudo ele foi o evocador das memórias decorrentes dos eventos vividos ao longo da vida do sujeito, com o intuito de acessar os reservatórios de imagens pessoais, para daí visibilizar as escrituras que foram sendo assimiladas e acomodadas no corpo das estudantes de Pedagogia. Ressalto que as escrituras que se mostraram pregnantes advieram das experiências provenientes da infância e da demanda da educação formal e não formal (família e escola). Esta abordagem alicerçou-se na premissa de Bérghson (1999, p. 178) ao afirmar que “*é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensorio-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida*”. Ou seja, para que ela reapareça à consciência é necessário o encontro da memória pura até o ponto preciso em que se realiza a ação.

Tal abordagem efetivou-se como o caminho escolhido para acessar o reservatório

imaginário de cada estudante, evidenciando o trajeto antropológico que compõe a sua história bio-psíquica-social. É neste ponto que se evidencia a contribuição do Imaginário, pois permite acessar um conjunto de imagens, símbolos, crenças, valores, sentimentos, afetos, vestígios que constituem a história biográfica do indivíduo.

Cabe ressaltar que o imaginário expresso na motricidade do corpo revela-se como dimensão fundante na constituição do conceito do Corpo Biográfico, uma vez que direciona a pensar o corpo como um manancial racional e não-racional de impulsos para a ação. Por ser possuidor de sentidos, emoções, sentimentos, afetos, imagens, símbolos e valores decorrentes do trajeto antropológico de cada sujeito traz os vestígios da história individual e também da história da humanidade. Estes são os fomentos dos reservatórios imaginários humanos!

Cenário metodológico

Para efetivar um estudo sobre as inscrições do corpo no decurso do trajeto formativo das acadêmicas do Curso de Pedagogia, elaboramos um plano de trabalho focado no exercício de biografização corporal pela improvisação teatral, inspirada na obra de Janusz Korczak (1987), “Quando eu voltar a ser criança”. Esta proposta foi desenvolvida no primeiro semestre de 2011, em seis encontros, com quatro acadêmicas do Curso de Pedagogia da UFPel, privilegiando o gesto como linguagem à biografização de si, num movimento de evocação das memórias dos acontecimentos vividos e visibilização das inscrições corporais.

A partir de uma proposta focada na biografização corporal pela improvisação teatral através do exercício de imaginação simbólica cada estudante lançou-se a uma “garimpagem¹¹” do seu reservatório pessoal. Isto é, propusemos ativar, via “conhecimento indireto”, as memórias inscritas no corpo no decurso do trajeto formativo: memórias decorrentes de acontecimentos presentes e sempre lembrados; acontecimentos adormecidos, escondidos, ou que nunca haviam sido pensados. Para Durand (1988, p. 11-12), esta via de acesso à consciência, proporciona re-(a)presentar o objeto ausente através de uma imagem no sentido amplo do termo.

O exercício de evocação das memórias dos acontecimentos vividos mobilizou uma consciência imaginante que criou novas narrativas. Narrativas oriundas dos matizes das escrituras a que cada participante deu visibilidade no decorrer da pesquisa. Ou seja, ao remexer nos seus guardados interiores, elas acessaram uma esfera mais profunda, que para além dos fatos, trouxeram à tona as repercussões que estes causaram em si, atribuindo uma “tonalidade” (BOIS, 2008a, 2008b)¹² aos gestos como uma tradução do imaginário na escritura do Corpo Biográfico, efetivando, assim, a construção de uma narrativa corporal. Esse processo pode ser visto como resultado de uma atividade de imaginação simbólica que deu vazão para uma história atualizada e fundadora do que cada pessoa vem sendo e se tornando no percurso de sua vida.

A imaginação simbólica constitui a própria atividade dialética do espírito, já que, no nível do “sentido próprio” da imagem, copia da sensação, no nível

da vulgar palavra do dicionário, ela desenha sempre o “sentido figurado”, a criação perceptiva, a poesia da frase que, no seio da limitação *nega* essa mesma limitação (DURAND, 1988, p. 97).

A imaginação simbólica exerceu sua função eufemizadora à medida que promoveu a emersão de memórias decorrentes do trajeto formativo das acadêmicas do Curso de Pedagogia, presentificada na proposta de biografização corporal pela improvisação teatral, a partir de uma temporalidade outra, que transgrediu a lógica de um tempo cronológico. A transgressão colocou no mesmo nível o passado, o presente e o futuro, assegurando uma continuidade da consciência humana, bem como a possibilidade de regressar, regredir e transfigurar as necessidades do destino, propiciando pela re-(a)presentação de um tempo vivido, o que elas foram e se tornaram, o que estão sendo e se tornando e como projetam-se daquele momento em diante, por meio de uma linguagem que não se reduz à palavra, mas se amplifica pelo gesto. Ou seja, pela imaginação simbólica as estudantes puderam acessar uma esfera mais profunda de si, a memória do seu corpo.

Nesse viés, o gesto representou a presentificação de ações que ficaram “*radicadas no corpo*” (PEREIRA, 2010). Nesta pesquisa, são abordados como a tradução do imaginário nas escrituras do Corpo Biográfico e conteúdo simbólico que revelou algo preexistente relativo à experiência do mundo, à vida humana e ao processo de assimilação e acomodação do vivido. Assim, os gestos adquirem o papel de protagonistas do movimento de interação e simbolização do homem no mundo e a linguagem gestual apresenta-se como potente e detonadora de imagens das quais muitas vezes a palavra não consegue dar conta. Desta maneira, “*o ‘corpo inteiro colabora na constituição da imagem’ e as ‘forças constituintes’ que coloca na raiz da organização das representações parecem-nos muito próximas das ‘dominantes reflexas’*” (DURAND, 2002, p. 50).

A apreensão do sentido simbólico colocou-nos diante de três dimensões concretas (a cósmica, a onírica e a dimensão poética) e da sua epifania¹³. Cósmica no sentido do símbolo figurar-se a partir do mundo que nos rodeia; onírica ao enraizar-se na biografia mais íntima do ser humano, contemplando as lembranças, os gestos que emergem dos sonhos/devaneios e poética ao apelar para a linguagem. A epifania como um emergir súbito de uma imagem simbólica, que se revela prenante e formadora.

Assim, a interpretação do gesto contemplou os aspectos que envolvem o ser humano e a maneira que ele interage no mundo, como resultado de uma somatória de inscrições corporais decorrentes das experiências vividas no decurso de sua vida, a partir de um processo de interpretação dos diferentes níveis de sentido.

Para dar visibilidade as memórias inscritas no corpo das acadêmicas do Curso de Pedagogia da UFPel fizemos uma análise qualitativa¹⁴, que culminou na convergência dos achados da pesquisa em núcleos simbólicos para chegar aos “mitemas” (DURAND, 1996).

O mitema tem seu fundamento teórico em Durand a partir de Lévi-Strauss que o definiu como uma espessa unidade constitutiva, uma espécie de “átomo” basilar à construção do discurso mítico. Para o autor (1996, p. 256) “*é o elemento significativo mais pequeno de um mito, caracterizado por sua redundância, a sua metábole*”, é

constituído por um “pacote de relações”, imbuído de significação impregnadas de filamentos condensados.

Ou como bem explica Teixeira e Araújo (2011) “*é a menor unidade do discurso mítico que é redundantemente significativa, isto é, repetitividade*” (p.63). Portanto, não se reduz a uma única palavra ou mesmo sintaxe, constituindo-se por um conjunto semântico, abarcando a palavra significada, o atributo e o verbo. Assim, entende-se por mitema o agrupamento de palavras que de algum modo exercem o papel mítico. Neste trabalho o mitema representa o sentido latente que está subsumido na memória inscrita no corpo de cada estudante. Assim, trazemos a amostra de um dos mitemas encontrados: **“Um Ser de carne que pensa, outro que age no Corpo-fracionado: mitema da acadêmica”**.

Uma amostra empírica: o mitema da acadêmica M.¹⁵

Este mitema **“Um Ser de carne que pensa, outro que age no Corpo-fracionado: mitema da acadêmica”** congrega a ideia de separação, de divisão, evidenciada nos gestos de **M.**, como a desconexão entre a ação e o pensamento. Desconexão que aparece vinculada à aparição do tempo como um inimigo presente, que provoca uma aceleração interna e privilegia a atividade mental como soberana sobre o corpo.

A dicotomia entre o pensar e o agir, alicerçado em um racionalismo operante, insere-se no Regime Diurno das imagens ligado à estrutura esquizomorfa – por se tratar de um processo – e gravita em torno dos verbos de separação e segregação¹⁶. O Regime Diurno da imagem corresponde, conforme ressalta Durand (2002, p. 180), a um *“racionalismo espiritualista”*, ancorando-se no dinamismo da antítese. O autor a partir da leitura de Minskowski (2002), ao reconhecer os traços estruturais típicos do Regime Diurno, ressalta que o racional

compraz-se no abstrato, no imóvel, no sólido e rígido; o movente e o intuitivo escapam-lhe; pensa mais do que sente e apreende de maneira imediata; é frio, tal com os seus contornos nítidos, ocupam na sua visão de mundo um lugar privilegiado (p. 185).

Nesse sentido, **UM SER DE CARNE QUE PENSA, OUTRO QUE AGE NO CORPO FRACIONADO**, o mitema de **M.** refere-se à dinâmica identificada em seu corpo no exercício de biografização corporal, em que a razão, que é o ato de pensar – com a “cabeça” e não abrangendo um todo – caracteriza-se como o comando que determina e antecipa a ação, que por estar numa posição inferior não consegue corresponder integralmente. Esta separação é um indício forte de como as experiências vividas no decorrer do seu trajeto formativo foram sendo assimiladas a partir da antítese pensamento e ação. Assim, os gestos de **M.** caracterizaram-se pela ilustração de um vivido, não havendo a correspondência do corpo à intenção pretendida. Diante disso, é possível perceber uma automatização do corpo que passou a estar vinculado a uma ordem descolada do sentir, ditando uma determinada maneira de interagir cotidianamente,

evidenciando uma rigidez nos gestos.

É necessário ressaltar, também, que este mitema é perpassado pelo elemento tempo¹⁷ que aparece visivelmente nos gestos da estudante, a partir da ideia de formigamento que se constitui pelo esquema da agitação, do fervilhar (DURAND, 2002). Ou seja, um ritmo operante de aceleração que perpassou os gestos de M., representando certa angústia relacionada a uma corrida contra o tempo – associado por ela à imagem “mundo do relógio”.

Dessa maneira, a análise aqui realizada levou-nos ao reconhecimento do esquema da separação nos gestos de M., a partir da oposição pensamento (razão) e ação (corpo), associada à imagem simbólica do gládio, como uma verdade operante, que corta e decepta, mas também promove a conjugação.

O gládio, inserido na perspectiva desta análise, representa o movimento de M. no decorrer do exercício de biografização corporal.

A partir deste movimento vivido por M. no decorrer da pesquisa, é que abordamos UM SER DE CARNE QUE PENSA, OUTRO QUE AGE NO CORPO FRACIONADO como o mitema que congrega o sentido latente de suas inscrições corporais. Uma mulher que se constituiu a partir de uma ideia predominante, que enfatiza o pensar dissociado do agir, repercutindo em um corpo a serviço desse pensamento. Em função disso, o corpo foi deixado de lado, como um coadjuvante no trajeto de vida.

Antes de encerrar, algumas palavras...

Nesta pesquisa consideramos os mitemas como representantes do reservatório do imaginário de cada pesquisada e a contribuição concreta dos estudos do Imaginário ao conceito de Corpo Biográfico. Eles apresentam as imagens fundadoras emergentes da narrativa de cada estudante e a possível relação com a maneira como elas interagem no meio onde estão inseridas.

A partir do mitema apresentado em conjugação com os demais¹⁸, ficou evidenciado que o corpo é uma escritura viva das experiências, como reservatórios do trajeto pessoal e antropológico, que foram significativas na vida do ser humano. Elas ficaram inscritas em sua anatomia, repercutindo em sua dimensão física, cognitiva, afetiva e psíquica, compondo a dimensão biográfica do corpo e o reservatório dos imaginários das estudantes pesquisadas.

Assim, o corpo pode ser comparado a uma “*escritura de argila*” (CREMA, 1998) que revela o nosso texto mais concreto que está sempre sendo reescrito. À medida que as intimações vão se apresentando a cada pessoa, novas escrituras são somadas ao Corpo Biográfico, atribuindo outras tonalidades ao repertório gestual.

O gesto, por sua vez, é a expressão do imaginário nas escrituras do Corpo Biográfico, pois ele já é o resultado de como as memórias inscritas no corpo reverberaram no modo como cada acadêmica vem sendo e se tornando ao longo de seu trajeto formativo. E também na forma como cada uma interagiu no exercício de biografização corporal.

Diante disto, podemos dizer que o Corpo Biográfico é um grande reservatório das intimações que nós vivemos ao longo do nosso trajeto de formação. Nesse sentido, a visibilização da memória inscrita no corpo legitimou o corpo como um saber relevante,

o qual se constitui num saber ser-fazer. Apresentando-se, assim, como uma possibilidade para contemplar outra abordagem na formação inicial de professores. Abordagem centrada no corpo como uma matéria sutil e sensível, tão importante quanto às matérias pragmáticas e utilitárias e que precisa ser “acordada” e valorizada, para então, repercutir nos projetos curriculares dos Cursos de Pedagogia.

Para finalizar, cabe ainda ressaltar que a contribuição do Imaginário, como campo teórico ao conceito de Corpo Biográfico, proporciona uma abordagem que extrapola somente uma história individual, para congrega um coletivo vinculado à história do *anthropos* e que aqui apreendemos como os valores que foram sendo inculcados ao longo da vida das estudantes.

NOTAS

³ Research funding agency: CAPES.

⁴ Agência de Fomento: CAPES.

⁵ Para Bois e Rugira (2006), o conhecimento imanente está relacionado diretamente à experiência corporal imediata. Trata-se de um conhecimento elaborado na matéria silenciosa do corpo, em nível experiencial.

⁶ Este conceito é embasado em Josso (2009a) que designa a problemática existente entre a tensão permanente que advém das exigências do coletivo ao qual pertencemos e da evolução das aspirações, sonhos e desejos individuais.

⁷ Esta ideia é alicerçada em Josso (2008b, 2009a), que teoriza sobre as “*dimensões do nosso ser no mundo*”.

⁸ Proposta de caráter experimental focada na construção biográfica a partir do exercício de re-(a)apresentação do vivido pela prática corporal, via linguagem teatral (a improvisação).

⁹ Para Durand (1988, 1996, 2002), a representação é sempre uma re-(a)apresentação do objeto ausente. Por isso, ao longo do texto é utilizado as duas formas de escrita: representação e re-(a)apresentação.

¹⁰ Na cultura ocidental, a supremacia de paradigmas que privilegiaram o pensamento analítico, do estatuto da razão como único legitimador do conhecimento verdadeiro, incidiu na subestimação, ofuscamento e até a denegação do corpo. Esta concepção resultou numa interpretação do homem e do universo baseada em “leis naturais”. A abordagem do corpo limitava-se a um conjunto de órgãos que estavam interligados por leis biofísicas (numa perspectiva anatômica, mecânica, fisiológica, bioquímica...), segundo ressalta Silva; Almeida; Romero e Beresford (2004). Esse olhar sobre o corpo reforçou a dicotomia entre corpo e alma instituída a partir dos estudos de René Descartes. Esta subestimação prevaleceu também no contexto escolar, associando a ideia de corpo apenas a sua anatomia e a uma abordagem mecânica, de um corpo-objeto, direcionada a ouvir e executar funções, ou seja, a favor da razão (DESCARTES, 2001).

¹¹ Utilizamos o termo garimpagem no sentido de explorar as memórias que compõem o patrimônio vivencial de cada pessoa, visibilizando um tipo de conhecimento que nem sempre é abordado como relevante à problematização sobre os modos como cada uma vem se tornando e sendo no decurso de seu trajeto formativo.

¹² Danis Bois utiliza o termo tonalidade para indicar as sensações experimentadas durante as situações de terapia manual ou introspecção sensorial. Apropriamo-nos do termo para indicar as sensações experimentadas no decorrer do trajeto formativo do sujeito e que de alguma maneira ficaram registradas em seu corpo, sendo fundantes na maneira de interagir

no mundo, atribuindo diferentes intenções à ação. Ação expressa através dos gestos durante o processo de biografização corporal pela improvisação teatral.

- ¹³ Baseado em Durand (1988) que aborda sobre isto alicerçado nos estudos de Ricoeur.
- ¹⁴ Cabe ressaltar que a análise contemplou três etapas. São elas: 1) análise descritiva e hermenêutica dos registros de vídeo, com base na interpretação dos gestos, como intuito de agrupar em núcleos simbólicos as repetições significativas; 2) análise do Diário da Experiência das quatro estudantes em três etapas: classificatória, fenomenológica e hermenêutica, buscando as imagens simbólicas presentes na escrita; 3) convergência dos dados empíricos da pesquisa em núcleos simbólicos para chegar aos mitemas. Nesta escrita optamos por enfatizar somente a 3ª etapa.
- ¹⁵ No momento que foi realizada a pesquisa a acadêmica **M**, estava no 5º semestre do Curso de Pedagogia Diurno.
- ¹⁶ Como reflexos dominantes a perpassar este regime, a dominante postural, com os seus derivados manuais e adjuvante das sensações à distância (vista, audiofonação) (DURAND, 2002).
- ¹⁷ Segundo o dicionário de símbolos de Chevalier & Gheerbrant (2009, p. 876), "*simboliza um limite na duração e a distinção mais sentida com o mundo do Além, que é o da eternidade. Por definição, o tempo humano é finito e o tempo divino infinito ou, melhor ainda, é a negação do tempo, o ilimitado*".
- ¹⁸ A análise completa está publicada na Tese intitulada: "Escrituras do Corpo Biográfico e suas contribuições para a Educação: um estudo a partir do Imaginário e da Memória" (ZANELLA, 2013).

REFERÊNCIAS

- BOIS, Danis. Da fasciaterapia à somato-psicopedagogia. Análise biográfica do processo de surgimento de novas disciplinas. In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da fasciaterapia e da somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus: Centro Universitário São Camilo, 2008a.
- _____. **O Eu Renovado**. Introdução à somato-psicopedagogia. São Paulo: Idéias & Letras, 2008b.
- BOIS, Danis; RUGIRA, Jeanne-Marie. Relação com o corpo e narrativa de vida. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**. Pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CREMA, Roberto. Prefácio. In: LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**. Uma antropologia essencial. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- _____. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- _____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- GROTOWSKI, Jerzy; FLASZEN, Ludwik. **O Teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC – SP, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os

vários níveis de profundidade do cuidado de si. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Sentidos e potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, L.M.V., EGGERT, E.; KUREK, D. L. (Orgs.) **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009a.

_____. O caminhar para si. Uma perspectiva de formação de adultos e de professores. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009b. Entrevista concedida a Margaréte May Berkenbrock-Rosito.

_____. As instâncias da expressão do biográfico singular plural. Junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do Corpo Biográfico In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da fascioterapia e da somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus: Centro Universitário São Camilo, 2008a.

_____. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

LAPINTE, Serge; RUGIRA, Jeanne-Marie. Para uma ética renovada do Cuidar. À escuta do corpo sensível. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n.1, p. 51-70, jan./abr. 2012

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. 2-Memórias e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

MACHADO DA SILVA, Juremir. As tecnologias do imaginário. In: PERES, Lúcia Maria Vaz. **Imaginário: o "entre-saberes" do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/UFPEL, 2004.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. A dimensão performativa do gesto na prática docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 555-597, set./dez. 2010

PERES, Lúcia Maria Vaz. O Imaginário como matéria sutil e fluida fermentadora do viver humano. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. (Orgs.) **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Gilbert Durand**. Imaginário e educação. Niterói: Intertexto, 2011.

ZANELLA, Andrisa Kemel Zanella. **Escrituras do Corpo Biográfico e suas contribuições para a Educação: um estudo a partir do Imaginário e da Memória**. Pelotas, 2013. 218f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2013.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Figura elucidativa da relação entre a teoria de Danis Bois e a Antropologia do Imaginário: pontos de convergência entre o modelo teorizado por Danis Bois e o campo teórico

do Imaginário

Recebido em 04/11/2013
Aprovado para publicação em 10/12/2013